

() PALAVRÓRIO () BESTEIROL

Ilustração: Edílson de Córdova

Olho para o monitor estupefacto e atônito. Fustiga-me com pungência uma dúvida atroz: Como devo nomear esta crônica? Na incerteza, deixo pra você, prezado leitor, que faça a escolha ao final desta leitura (se é que você vai ter saco pra continuar) entre as duas opções que figuram como título. Uma vez que o exemplar do jornal seja seu, faça um X na opção que você mais gostou e deixe a crônica mais com a sua cara.

Hoje acordei com algo diferente na cabeça (se aqui o ilustre leitor pensou besteira, permita-me responder à altura: corno é a mãe!; se não, apologias). Lembrando dos bancos universitários, recordei-me de uma aula em que estávamos estudando a origem de algumas palavras da Língua Portuguesa. Duas delas agarraram-se feito carrapatos à minha memória: sóbrio e ébrio. Veja você, leitor, que havia uma região da Península Ibérica (isso lá no tempo dos romanos) onde servia-se cerveja numa grande caneca chamada *bria*. Quem tomava mais de uma caneca eram os *ex-bria*, daí ébrio; e os que tomavam menos de uma caneca eram os *sub-bria*, daí sóbrio. Ainda bem que estas palavras não se originaram hoje, pois teríamos algum termo fantásticamente bolado pela indústria do *marketing* ligado às grandes cervejarias! Mas o que até hoje mais me intriga não é o fato de eu saber dessa historietta, e sim de não saber de onde vieram: pinguço, pé-de-cana, pau-d'água, beberrão, podrão, cozido, inchado, esponja, etc., etc., etc.



Falando em expressões... Outro dia folheava um dicionário de Latim* e deparei-me com uma frase que muito me impressionou. Eu sempre pensei que esse folclore (se é que é folclore) de que mulher fala demais era uma coisa da sociedade moderna. Caro leitor, a tal frase era um ditado medieval que dizia o seguinte: *Quando conveniunt Domitila, Sybilla, Drusilla, / Sermonem faciunt et ab hoc et ab hac et ab illa*. (Traduzindo: Quando se encontram Domitila, Sibila, Drusila — entenda-se três mulheres quaisquer —, começam a conversar sobre este sobre esta e sobre aquela — isto é, sobre tudo desordenadamente). Bom, preconceituoso leitor do sexo masculino, quando você chamar alguma mulher de "faladeira", "liguaruda" ou mesmo de "verborrágica dama" e ela o retrucar chamando-o de machista, diga-lhe que você não é machista, diga-lhe que você é vítima de uma civilização que traz esta idéia incrustada no inconsciente coletivo desde a idade média. Se não adiantar, esconda bem o rolo de massa e proteja as partes baixas.

Há também um verbo, da Língua Inglesa, que é um tanto estranho. O verbo é *to elope*, que significa fugir de casa com o namorado (a), especialmente se for para casar. (!!!) Especialmente se for para casar! (!!!) Por que raios existe esse verbo? E será que existem verbos que designem a fuga para outra finalidade? Fugir para roubar goiaba, por exemplo! O tal do *to elope* só pode ter sido criado por uma situação muito específica; o que me faz, desconhecedor deste motivo, elucubrar a respeito das possíveis causas. Naturalmente, pouparei o digníssimo leitor das minhas ponderações, uma vez que elas, não raro, transpõem as fronteiras da razão indo cravar suas garras no âmago da insanidade.

Espero, caro leitor, que já tenha se decidido pelo título e já tenha assinalado a sua opção, pois vamos ficando por aqui mesmo. Se você acha que nenhum dos títulos é pertinente, apenas, como o diria o Veríssimo, defenestre esta crônica.

*O dicionário citado chama-se "Não perca o seu Latim", de autoria de Paulo Rónai — Editora Nova Fronteira.

Günther Cristiano Butzen
butzen@zipmail.com

FRASE DO MÊS:

Só para sacanear os leitores resolvemos não colocar a frase do mês nesta edição. Ah, ah, ah!

(A redação)